

Sonhos que podemos ter: fotodocumentário sobre o poder transformador da educação¹

João Victor Fernandes dos Santos²
Prof.^a Dra. Fabiana Aline Alves³
Universidade do Oeste Paulista - Unoeste

Resumo

O artigo ‘Sonhos que podemos ter: Fotodocumentário sobre o poder transformador da educação’, é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que tem como objetivo investigar o impacto transformador da educação, usando a Escola Estadual Assentamento Santa Clara, do assentamento Che Guevara, um dos pioneiros na região do Pontal do Paranapanema, como ponto de partida para promover mudanças significativas na vida desses educandos. Foi evidenciado por meio do fotodocumentário, a contribuição da escola para o desenvolvimento da comunidade local, assim como o impacto positivo da educação na vida dos seus membros.

Palavra-chave: fotodocumentário; educação; escola rural; assentados.

Introdução

Este artigo é um recorte de um TCC que se propõe a explorar o poder transformador da educação, utilizando como um catalisador de mudança a Escola Estadual Assentamento Santa Clara, situada no Che Guevara, um dos assentamentos pioneiros da região. O objetivo é mostrar, por meio de um fotodocumentário, o poder transformador da educação na comunidade rural, onde o estímulo aos estudos oferece aos assentados a oportunidade de compreender e influenciar o seu redor.

Além de adquirir profundo entendimento e habilidades no processo de produção de um fotodocumentário, o intuito também foi explorar a importância do ensino e seu aspecto transformador para comunidades rurais; além de analisar a contribuição de um fotodocumentário para as comunidades abordadas; estabelecer e destacar a conexão entre o fotodocumentarista e retratados; bem como organizar e apresentar uma exposição

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduado do Curso de Jornalismo da Escola de Comunicação e Estratégias Digitais da Universidade do Oeste Paulista – Unoeste, e-mail: fotografojovi@gmail.com

³ Orientadora do trabalho e professora do Curso de Jornalismo da Escola de Comunicação e Estratégias Digitais da Universidade do Oeste Paulista – Unoeste, e-mail: falves@unoeste.br

itinerante do fotodocumentário, abrangendo a E.E. Assentamento Santa Clara, Teodoro Sampaio e Presidente Prudente.

A metodologia escolhida para o trabalho foi a qualitativa pois pretendia-se obter uma compreensão detalhada da importância da educação para a transformação de vida na comunidade rural. Com essa abordagem foram exploradas as histórias e vivências dos participantes de forma mais profunda e contextualizada, em vez de limitar o trabalho a números ou dados quantitativos. Para Mario Cardano (2017), a pesquisa é importante para: "[...] dar voz às diversas formas de alteridade, fazendo objeto dos próprios estudos sujeitos marginais, periféricos e permitindo a eles expressarem a própria diferença com as próprias palavras" (CARDANO, 2017, p. 25).

Em projetos de metodologia qualitativa, de acordo com Duarte (2005), é preferível poucas fontes com entrevistas de qualidade, do que muitas sem relevo e profundidade. Por isso, a escola Santa Clara, seus gestores, alunos e professores serviram como um catalisador por ser um elemento-chave na educação, além da própria comunidade rural.

Para a coleta de dados, foi usada a pesquisa de campo exploratória-descritiva combinada, pois de acordo com Marconi e Lakatos (2017), além de aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, algo que o grupo almejou realizar com a escola Santa Clara, também podem ser encontradas descrições qualitativas com informações detalhadas obtidas por observações participantes.

A fotografia documental e as comunidades retratadas

De acordo com Jorge Pedro Sousa (2002), a fotografia documental narra uma história com imagens em sequência. Segundo Sousa (2002), o fotodocumentarista trabalha com projetos fotográficos em que estudam os temas em profundidade antes de realizá-los. Outra característica do fotodocumentarismo, de acordo com Lombardi (2008), é a possibilidade de ser usado para defender causas sociais e ideias civis, denunciar injustiças da sociedade e compor discursos políticos. Muitos fotógrafos também utilizam o fotodocumentário para retratar o cotidiano e suas experiências.

Para Ferreira e Costa (2009), a fotografia vira os olhares do senso comum para realidades que não chegam a todos, assim “[...] além de diminuir a distância entre as

comunidades, a fotografia tende a aproximar os olhares.” (FERREIRA, COSTA, 2009, p. 4) Ainda de acordo com os autores, um ponto recorrente em todos os fotodocumentários sociais é a tentativa de mostrar realidades que são ocultadas pela mídia tradicional. “Tratam-se de tentativas de transmissão de uma nova imagem por meio de uma construção identitária coletiva de sujeitos inseridos nessas circunstâncias.” (FERREIRA, COSTA, 2009, p. 8)

Com isso, acredita-se que a abordagem da fotografia documentarista pede um comprometimento profundo com a experiência e a história dos retratados, indo além do simples ato de fotografar. Pois a fotografia deve ser mais do que uma representação visual; ela deve ser um meio de diálogo e compreensão mútua, onde a interação humana desempenha um papel importante na narrativa visual.

A luta dos assentados no Pontal do Paranapanema

Em 1990, o Movimento Sem Terra (MST) chegou à região do Pontal do Paranapanema, mudando a política e a estrutura social das terras. A chegada do MST trouxe esperança para os desempregados, especialmente aqueles da Companhia Energética do Estado de São Paulo (CESP) e de empresas de construção, como a Camargo Córrea e Techint. Conforme Borges (2004), eles viam o movimento como uma força de mudança e mobilização social na região.

Borges (2004) também afirma que em 1990, houve um aumento significativo das lutas por terras no Pontal do Paranapanema. O movimento "sem-terra" conquistou 69 áreas de assentamentos na região durante essa década, beneficiando aproximadamente 3.109 famílias.

De acordo com Borges (2004), no dia 1º de setembro de 1991, ocorreu a ocupação da fazenda Santa Clara, com 5.000 hectares, onde cerca de 130 famílias, lideradas pelo MST, ocuparam a propriedade, com a presença de 600 famílias acampadas, vindas de municípios próximos à região.

O assentamento Che Guevara/Santa Clara foi a primeira conquista do Movimento Sem Terra na região do Pontal do Paranapanema. Como assinalam os relatos, essa conquista, se comparada à da fazenda São Bento, deu-se de modo relativamente tranquilo, na medida em que

foram nove meses de acampamento para a chegada na área emergencial (BORGES, 2004, p. 206)

Borges (2004) pontua que em dezembro de 1992, o governo de São Paulo desapropriou 380 alqueires da fazenda Santa Clara, promovendo o assentamento das famílias que lá estavam, na qual já haviam demarcado os lotes e estavam trabalhando na primeira colheita.

Escola Santa Clara e a educação nos assentamentos

O Assentamento Che Guevara, onde foi realizado este trabalho, está localizado em Mirante do Paranapanema, a 72,3 km de Presidente Prudente. Segundo Fernandes e Ramalho (2001), Mirante do Paranapanema é o município com o maior número de famílias assentadas no Pontal do Paranapanema, totalizando 79 assentamentos distribuídos em uma área de 113.641 hectares. No assentamento Che Guevara, local de realização deste trabalho, residem 46 famílias.

Stedile e Fernandes (2012), falam da importância de criar espaços que reflitam positivamente não apenas a conquista da terra, mas também proporcionem qualidade de vida e bem-estar para aqueles que ali vivem e para quem visita esses assentamentos. “Queremos que a sociedade perceba que a bandeira não está ligada somente a ocupações. Temos conquistas importantes nos assentamentos, e a sociedade precisa conhecê-las. (STEDILE, MANÇANO, 2012, p. 137).” Conforme Betim (2018) em uma reportagem para a sucursal brasileira do jornal El País “Não à toa uma das primeiras medidas tomadas pelas famílias ao ocupar e acampar em uma terra é construir uma escola” (BETIM, 2018, não paginado).

De acordo com Borges (2004), o assentamento contava com uma pequena escola de madeira e, em 2002, uma escola de alvenaria foi construída no assentamento para atender aos estudantes das séries iniciais do ensino fundamental. Esta escola recebeu o nome de “Assentamento Santa Clara”, em referência à fazenda que havia sido desapropriada pelo estado de São Paulo.

Atualmente, dentro do Assentamento Che Guevara, os alunos do próprio assentamento e dos arredores são atendidos pela Escola E.E. Santa Clara. Segundo a vice-diretora, Lilian Leite, a escola oferece ensino regular para diferentes níveis: do primeiro

ao nono ano do ensino fundamental, ensino médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA), com horários de funcionamento pela manhã, tarde e noite. A escola conta com 35 professores, nove salas de aula, 17 turmas, 260 alunos, 13 funcionários administrativos, dois profissionais de limpeza e três merendeiras. A escola possui o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) dos anos iniciais e finais de 5,6, um número relevante comparado à média de 4,4 das escolas da rede estadual de ensino em São Paulo.

De acordo com a ex-professora Maria Cláudia Lourenço⁴, as escolas dos assentamentos rurais possuem diversos benefícios em relação às escolas urbanas, como o número reduzido das salas de aulas e o longo período de tempo que os professores lecionam na escola, ambos que resultam num vínculo muito forte entre os alunos e até com os professores. “[...] Pode estar chovendo e você pensa, hoje não vai ninguém, mas estão todos, ninguém quer faltar. Porque ali você encontra seus amigos [...] Esses alunos, tratam a gente como se fosse muito especial, assim como a gente trata eles [...] a gente sabe a dificuldade de cada aluno.”

Adriana Mussi Jorge Santos⁵, que atuou por 12 anos entre direção e vice-direção da Escola Santa Clara, também que muitos alunos que frequentam a Escola Santa Clara retornam para contribuir com a comunidade ou seguem em frente para alcançar seus próprios objetivos, muitos até se tornaram professores ou funcionários da escola onde estudaram. Ela ressalta como a escola e os professores incentivam e orientam os alunos a buscarem novas oportunidades, mesmo quando os alunos duvidam de suas capacidades.

Resultados

O projeto “Sonhos que Podemos Ter” é uma exposição fotográfica que consiste em 20 fotografias documentando como a educação influencia e transforma a vida de membros da comunidade do assentamento Che Guevara, em especial os egressos da E. E. Santa Clara.

⁴ Entrevista concedida pela professora Maria Claudia Lourenço Silva, docente da E. E. Assentamento Santa Clara, Teodoro Sampaio, 2024.

⁵ Entrevista concedida pela professora Adriana Mussi Jorge Santos, ex-diretora da E. E. Assentamento Santa Clara, Teodoro Sampaio, 2024.

Para a realização da exposição, foi feito antes um processo de imersão na comunidade do assentamento. O grupo autor do projeto entende que a fotografia é muito mais que uma representação visual e sim um meio de compreensão mútua. Com isso, o grupo realizou três visitas, uma ao assentamento Dona Carmen e duas no Che Guevara, apenas para conhecer os locais e interagir com a comunidade. Além do objetivo de conhecer a realidade dos assentamentos e a escola Santa Clara, autores conseguiram começar o processo de fotografar sem ‘assustar’ os moradores. Essas visitas iniciais cumpriram o papel de pesquisa de campo, que de acordo com Marconi e Lakatos (2017), é utilizada para conseguir informações e conhecimentos sobre um problema ainda sem uma resposta.

Durante essas visitas, o grupo conheceu diversos membros da comunidade e, conseqüentemente, foi realizada uma lista de 53 contatos para possíveis personagens para o fotodocumentário. Assim, começou o processo de contato com cada um para realização de pré-entrevistas. Foram realizadas 33 pré-entrevistas, por telefone, Google Meet ou em último caso por mensagem de áudio pelo WhatsApp. As 20 restantes, foram contatadas, mas não foram obtidas respostas.

Então, o grupo realizou diversas reuniões e discussões para decidir quais personagens seriam retratados pelo fotodocumentário. Ao final, foram estabelecidos cinco personagens: Seo Guilherme, o idoso aluno do EJA; Nelza, a merendeira que trabalha na escola desde o começo; Duda, a ex-aluna que se tornou professora; Murilo, o estudante com sonhos para o futuro e as alunas jogadoras do Time feminino de Futsal da escola. Cada um desses personagens representa não só a ideia de sonhos, que permeia o fotodocumentário, como também cada um tem seu papel essencial na narrativa.

Assim, começou o processo de fotografar. Foram realizadas 12 visitas ao Assentamento Santa Clara, incluindo participações em eventos como feiras comunitárias e festas. Também foram feitas diversas visitas a E. E. Santa Clara e aos sítios e domicílios dos personagens escolhidos, ao todo foram aproximadamente 2300 quilômetros percorridos de carro pelo grupo. Também foram realizadas duas sessões de fotos em Presidente Prudente, durante os Jogos Regionais do time de futsal. Ao todo foram 6160 fotos tiradas pelos quatro membros do grupo ao longo de sete meses, delas, 20 foram selecionadas para o fotodocumentário. Depois de tratadas, as fotos selecionadas foram

impressas em formato de canvas, trazendo o aspecto de pinturas em galerias. O lançamento da exposição itinerante foi no dia 4 de novembro na E. E. Santa Clara, depois as fotos foram expostas em Teodoro Sampaio e em Presidente Prudente.

Na fase inicial do projeto, foram estabelecidos os objetivos do fotodocumentário. Após a pesquisa de campo, realização e edição das fotos, foi evidenciado a importância da escola Santa Clara e como a educação que ela proporciona contribui para o desenvolvimento da comunidade local e de seus membros por meio das fotos. A documentação das vidas de pessoas que têm seus sonhos construídos ou que contribuem para a realização desses sonhos, devido à escola mostra como a educação é constantemente o catalisador para a mudança de vidas. Seja num âmbito profissional, acadêmico ou de realização pessoal ou criação de um propósito maior.

O impacto do fotodocumentário foi positivo na comunidade. Mesmo antes da exposição, o grupo se imergiu tanto na comunidade que foi convidado para diversos eventos internos do assentamento como também para realizar uma roda de conversa com alunos da escola Santa Clara para incentivar o ensino superior entre os estudantes. Esse resultado mostra como o fotodocumentário pode servir como uma fonte de inspiração e motivação para estudantes, educadores e comunidades, demonstrando as transformações que a educação pode trazer.

Discussões

O fotodocumentário “Sonhos que Podemos Ter” evidencia como o fotodocumentarismo é o gênero mais apropriado para registrar histórias de maneira íntima e pessoal. Pode-se perceber isso como as fotografias retratam não só a vida e o dia a dia dos personagens, mas como mostra principalmente os sonhos de cada um e como os fotografados os realizaram ou trabalham para futuramente realizarem. Explorar algo tão subjetivo e íntimo no psicológico dos personagens como suas aspirações de vida é algo que só foi possível com um gênero que trabalha principalmente na subjetividade.

Quando se trata de um assunto tão polêmico e impregnado com estereótipos e desinformações como a vida nos assentamentos, um trabalho fotográfico que traz ‘o outro lado da moeda’ se torna muito importante para combater o estigma envolta do assunto, mesmo que indiretamente. Sontag (2004) relata como a câmera é um “passaporte” para

os fotodocumentaristas eliminarem as próprias fronteiras morais e as inibições sociais. A autora relata como a fotografia pode abranger as fronteiras culturais dos leitores por fotografar o desconhecido para as populações moralistas. Levando em conta o que Ferreira e Costa (2009) escrevem, o fotodocumentário “Sonhos que Podemos Ter” pode desestigmatizar realidades que não chegam a todos e diminuir a distância entre o espectador e a comunidade retratada. Ainda de acordo com Ferreira e Costa (2009), essa aproximação com o leitor de realidades ocultas pela mídia tradicional é uma tentativa de construir uma nova identidade coletiva das pessoas inseridas nessas circunstâncias.

Outra ramificação que surgiu da realização do fotodocumentário, é que, de acordo com Sontag (2004), fotografias são registros de uma fatia nítida do tempo. Ou seja, as pessoas que participaram e foram retratadas no fotodocumentário, além das pessoas da comunidade que as conhecem, puderam ver a exposição e reconhecer suas experiências pessoais, e momentos que foram capturados, mostrando como suas memórias são importantes. Conforme as ideias de Rouillé (2009) e Sontag (2004), essas fatias de tempo registradas não são apenas registros de acontecimentos, mas também da perspectiva do fotógrafo dessa realidade.

O fotodocumentário também pode servir como uma forma de inspiração para os estudantes da escola Santa Clara. Nas entrevistas realizadas na fase inicial de pesquisa de campo, a diretora da E. E. Santa Clara declarou como muitos dos alunos têm a tendência de ‘sonhar baixo’. A documentação de diversos sonhos, que diferem desde realizações pessoais às aspirações profissionais que estudantes da Santa Clara possuem e realizam pode servir como um grande incentivo aos alunos para serem mais ambiciosos ao criarem um propósito maior para as próprias vidas. Principalmente com as histórias de Murilo e do time de futsal, pode ser retratado como as vidas dos assentados não são limitadas à vida no campo.

Retratar a importância da educação da E. E. Santa Clara se mostrou relevante também durante a fase de entrevistas. Conversando com a ex-professora Maria Cláudia Lourenço⁶, ficou bem claro ao grupo que, além de fornecer educação, a escola é um espaço de socialização e lazer também para as crianças do assentamento. É raro alunos

⁶ Entrevista concedida pela professora Maria Claudia Lourenço Silva, docente da E. E. Assentamento Santa Clara, Teodoro Sampaio, 2024.

faltarem, mesmo em situações adversas. A relação entre estudante e professor/funcionário é muito mais próxima em comparação com escolas da cidade.

O fotodocumentário "Sonhos que Podemos Ter", por meio de sua exposição itinerante, retrata as vidas e os sonhos dos assentados cujas trajetórias foram transformadas pela educação na escola Santa Clara. Essa iniciativa destaca a importância da educação não apenas para os indivíduos fotografados, mas para toda a comunidade do assentamento e, de forma mais ampla, para a sociedade. O incentivo ao desenvolvimento dos sonhos de cada aluno dentro do ambiente escolar é fundamental e a exposição cumpre o papel de evidenciar como a educação pode ser o caminho para a concretização desses sonhos. Ao trazer à tona essas histórias de transformação, o projeto reforça o impacto social e o poder de mudança que a educação pode gerar.

Referências

BORGES, M. C. **De pobres da terra ao movimento sem-terra: práticas e representações camponesas no Pontal do Paranapanema** – SP. 2004. 391 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual Paulista, Assis, 2004. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/11046e46-b713-4426-a0a3-8ccb6321b6e4/content>. Acesso em: 28 fev. 2024.

Brasil, 2014. **Ministério da Educação. Ministro confirma compromisso de reduzir as desigualdades**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/208-591061196/20227-ministro-confirma-compromisso-de-reduzir-as-desigualdades> Acesso em 10 março. 2024.

Brasil, 2020. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Educação na Reforma Agrária**. Disponível em: <https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/reforma-agraria/educacao>. Acesso em: 10 março. 2024.

CARDANO, M. 2017. **Manual de Pesquisa Qualitativa**. Petrópolis: Vozes.

DUARTE, J; BARROS, A. Entrevista em Profundidade. In: DUARTE, BARROS. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2005. Disponível em: https://scholar.google.com.br/citations?view_op=view_citation&hl=pt-BR&user=nNSo2ZAAAAAJ&citation_for_view=nNSo2ZAAAAAJ:YOWf2qJgpHMC. Acesso em: 26 set. 2023.

EDUCAÇÃO MST. **MST**. 2023. <https://mst.org.br/educacao/>. Acesso em: 19 set. 2023.

EL PAÍS. **As várias faces do MST, o movimento que Bolsonaro quer criminalizar**. 2018. [As várias faces do MST, o movimento que Bolsonaro quer criminalizar](#) | Brasil | EL PAÍS Brasil (elpais.com). Acesso em: 20 set. 2023.

FERNANDES, B. M; RAMALHO, C. B. **Luta pela terra e desenvolvimento rural no Pontal do Paranapanema (SP)**. São Paulo, 2001. Disponível em: [Untitled-1 \(scielo.br\)](#). Acesso em 26 jun.2024.

FERREIRA, J. M; COSTA, M. H. Olhares de pertencimento: novos fotodocumentaristas sociais. **Discursos Fotográficos**, v. 5, n. 6, p. 213-228, 2009. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/2952>. Acesso em: 23 jan. 2024.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 31 out. 2023.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa. **Censo escolar da educação básica 2022: notas estatísticas**. Brasília: INEP, 2022. Disponível em: https://download.inep.gov.br/areas_de_atuacao/notas_estatisticas_censo_da_educacao_basica_2022.pdf. Acesso em: 12 abr. 2024.

LOMBARDI, K. H. Documentário imaginário: reflexões sobre a fotografia documental contemporânea. **Revista Discursos Fotográficos**, Londrina, v. 4, n 4, p. 36-58. 2008. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/1505>. Acesso em: 27 ago. 2023.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

OLIVEIRA, C. **Educação na escola E.E. Assentamento Santa Clara [março. 2024]**. Lilia Cimini. Mirante do Paranapanema, 03 maio, 2024. Áudio.

ROUILLÉ, A. **A fotografia entre documento e arte contemporânea**. 1. ed. Senac São Paulo, 2009. E-book. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7533396/mod_resource/content/1/538018022-A-Fotografia-Entre-Documento-e-Arte-Contemporanea-by-Andre-Rouille.pdf. Acesso em: 29 out. 2023.

SANTOS, A. M. J. **Educação rural na região do Pontal do Paranapanema [março. 2024]**. Lilia Cimini. Teodoro Sampaio, 17 março, 2024. Áudio.

SILVA, M. C. L. **Educação rural na região do Pontal do Paranapanema [março. 2024]**. Lilia Cimini. Teodoro Sampaio, 17 março, 2024. Áudio.

SONTAG, S. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUSA, J. P. **Fotojornalismo: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Porto. 2002. Disponível em: <https://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-fotojornalismo.pdf>. Acesso em: 26 set. 2023.

SOUSA, J. P. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Chapecó: Argos Letras Contemporâneas, 2004.

STEDILE, J. P; FERNANDES, B. M. **BRAVA GENTE - A trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil**. São Paulo, 2012. Editora Expressão; Popular Editora Perseu Abramo Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/bernardo/BIBLIOGRAFIA%20DISCIPLINAS%20POS-GRADUACAO/BERNARDO%20MANCANO%20FERNANDES/brava%20gente%202012.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2024.